



Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 3

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)



Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Metodológicos na Pesquisa em História 3

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em
história 3

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Kimberly Elisandra Gonçalves Carneiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Aline Ferreira Antunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P737 Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em história 3 / Organizadora Aline Ferreira Antunes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-905-9

DOI 10.22533/at.ed.059211903

1. História. I. Antunes, Aline Ferreira (Organizadora). II. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

O livro *Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 3* está dividido em três volumes. Todos os capítulos tratam de temas relacionados à história do Brasil e ou geral.

Organizado em grandes temáticas, as obras trazem discussões sobre história, gênero e sexualidade; ensino de história em todos os níveis (educação infantil, educação básica e ensino superior); pesquisas historiográficas; capítulos sobre lutas pela terra no Brasil; estudos sobre gastronomia (brasileira e árabe); cinema; economia; imprensa; raça; memória; narrativas pessoais e estudos de personalidades; tecnologia; história e ciência, dentre outras temáticas.

Em suma a obra é uma grande possibilidade de descobrir o que se tem de novo e de velho na História, ou seja, os mais diversos trabalhos e temas pesquisados na historiografia.

No volume I encontramos artigos sobre o século XIX e XX no Brasil a respeito do nacionalismo, a construção da sociedade imperial e pensar a identidade nacional a partir de processos migratórios.

Além disso, capítulos dedicados a estudos com fontes de atas de conselhos em Sergipe, problematizações sobre o tráfico africano, fontes cinematográficas, testamentos e até mesmo fontes utilizadas para compreender o reinado de Ramessés III no Egito.

Por fim o primeiro volume se encerra com dois artigos sobre a Idade Medieval, um tratando de Beowulf e outro da Cocanha.

Já no volume II as temáticas mais amplas abarcam pesquisas sobre ensino de história, alguns trabalhos sobre história geral e também gastronomia. Iniciando com trabalhos sobre o PIBID e práticas avaliativas, o segundo volume traz capítulos que versam sobre a construção do processo ensino aprendizagem em História, refletindo sobre os desafios e algumas perspectivas. Além disso, um capítulo sobre a BNCC, atual e articulado às discussões presentes partindo da realidade posta na rede pública.

Em um segundo momento, o volume II traz amplas contribuições a respeito do ensino sobre a África em sala de aula bem como questões étnico-raciais e narrativas em disputa.

Seguindo o modelo do primeiro volume, este se encerra trazendo capítulos que versam sobre as mais diversas fontes de pesquisa em História, como arquivos públicos, periódicos, imprensa, literatura,

O livro termina com algumas reflexões a respeito da história da ciência e pesquisas sobre gastronomia.

O volume III dedica-se a reflexões sobre gênero em sala de aula, representações do feminino, o retrato da mulher na sociedade colonial brasileira, a insubmissão feminina e discursos contra hegemônicos e a sexualidade indígena. Este último capítulo faz a ponte com o tema seguinte: disputas sobre a terra no Brasil e na América do Sul.

Em seguida você encontra capítulos sobre religiosidade, sobre a arte de curar, história e memória e história oral. O livro encerra com artigos sobre a Ditadura civil militar no Brasil (1964-1985) e uma discussão sobre a esquerda brasileira.

Em suma, você tem em mãos três obras organizadas sobre os mais diversos campos, aspectos e áreas da historiografia brasileira e mundial. Aqui você encontrará capítulos que poderão contribuir para enlanguescer as pesquisas em História e também a partilha de experiências docentes nos mais diversos níveis de educação.

Espero que encontre nas leituras dos capítulos embasamento teórico metodológicos, amparo nas pesquisas e que esses capítulos contribuam para enriquecer o campo de ensino e pesquisa em História.

Agora que a profissão historiadora/historiador é regulamentada, precisamos investir ainda mais em pesquisas e divulgação destas pesquisas. Neste sentido a Atena Editora se compromete a dar visibilidade aos mais diversos temas que compõem esta obra dividida em três volumes.

Boa leitura!

Aline Ferreira Antunes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O PIBID COMO MEIO DE FORMAÇÃO E INSERÇÃO DE TEMAS LIGADOS A DIVERSIDADE CULTURAL	
Pedro Luiz Teixeira de Sena Tallita Erthal de Oliveira Thiago Gonçalves Carminte	
DOI 10.22533/at.ed.0592119031	
CAPÍTULO 2	10
UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS AVALIATIVAS E A CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NO ENSINO DE HISTÓRIA	
Carolina Bitencourt Becker	
DOI 10.22533/at.ed.0592119032	
CAPÍTULO 3	23
OS DESAFIOS DO PEDAGOGO DIANTE DE ALGUMAS PERSPECTIVAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA, NOS ANOS INICIAIS, DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Elisangela Leite Gavenda Maralice Maschio	
DOI 10.22533/at.ed.0592119033	
CAPÍTULO 4	39
OS DESAFIOS QUE A BNCC DO ENSINO MÉDIO TRAZ PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: OUVINDO PROFESSORES DA REDE PÚBLICA ESTADUAL	
Tuca Henrique Verçosa Carneiro de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.0592119034	
CAPÍTULO 5	51
PRÁTICA DOCENTE E ENSINO: O USO DO ESPAÇO DE MEMÓRIA DO <i>CAMPUS</i> DIANÓPOLIS PARA ENSINAR HISTÓRIA	
Michelle Melo Póvoa Debora Ribeiro Pereira Jorge Luís de Medeiros Bezerra, Antonio Guanacuy Almeida Moura	
DOI 10.22533/at.ed.0592119035	
CAPÍTULO 6	56
OS LIVROS DE HISTÓRIA DO COLÉGIO PEDRO II: REPRESENTAÇÃO E HOMOGENEIZAÇÃO DOS NEGROS (1914-1925)	
Cristina Ferreira de Assis Rhadson Rezende Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.0592119036	
CAPÍTULO 7	68
SONHAR WAKANDA: REFLEXÕES SOBRE A ÁFRICA EM SALA DE AULA	
Marcia Guerra	
DOI 10.22533/at.ed.0592119037	

CAPÍTULO 8	76
A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL NAS PÁGINAS DA REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO PAULO: RETRATO DE NARRATIVAS EM DISPUTA	
Silene Ferreira Claro	
DOI 10.22533/at.ed.0592119038	
CAPÍTULO 9	89
RELATOS DE VIAGEM: CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS NA HISTÓRIA DA ÁFRICA OCIDENTAL PRÉ-COLONIAL	
Lucas Aleixo Pires dos Reis	
DOI 10.22533/at.ed.0592119039	
CAPÍTULO 10	96
HISTÓRIA DO BRASIL = DESIGUALDADES SOCIAIS ESTRUTURAL POR COR OU RAÇA	
Valdeir de Oliveira Prestes	
Heitor Flores Lizarelli	
DOI 10.22533/at.ed.05921190310	
CAPÍTULO 11	107
COLEÇÕES DO ARQUIVO PÚBLICO DE ITABIRITO: RELEVÂNCIA PARA A PESQUISA	
Marcelle Rodrigues Silva	
DOI 10.22533/at.ed.05921190311	
CAPÍTULO 12	127
A UTILIZAÇÃO DO PERIÓDICO COMO FONTE HISTÓRICA	
Dayane Cristina Guarnieri	
DOI 10.22533/at.ed.05921190312	
CAPÍTULO 13	135
IMPRENSA COMO FONTE E AGENTE HISTÓRICO: USOS D'A <i>MATUTINA MEYAPONTENSE</i> PARA UMA HISTORIOGRAFIA DA DECADÊNCIA	
Matheus de Araujo Martins Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.05921190313	
CAPÍTULO 14	149
O FIM DO SEGREDO: TUDO O QUE DEPENDER DO SIGILO PARA EXISTIR IRÁ ACABAR	
Cesar Palmieri Martins Barbosa	
Ricardo Kubrusly	
Miriam Abduche Kaiuca	
DOI 10.22533/at.ed.05921190314	
CAPÍTULO 15	157
A IMPORTÂNCIA DA CRIATIVIDADE COMPUTACIONAL PARA A LITERATURA GENERATIVA: REFLEXÕES SOBRE ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA NA <i>CIBERLITERATURA</i>	
Thalita Biazuz Veronese	
DOI 10.22533/at.ed.05921190315	

CAPÍTULO 16.....	163
A VARIEDADE EPISTEMOLÓGICA NA PESQUISA DO CIENTISTA VITAL BRASIL: UMA ARTICULAÇÃO COM AS CINCO TESES DE CESAR LORENZANO PARA A HISTÓRIA DA CIÊNCIA	
Waldemar Menezes Canalli	
Rildo Pereira da Silva	
Tereza Luzia de Mello	
DOI 10.22533/at.ed.05921190316	
CAPÍTULO 17.....	170
DUAS HISTÓRIAS INDISCIPLINADAS PARA REPRESENTAR DIFERENTES ABORDAGENS DA HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS E DAS TÉCNICAS E EPISTEMOLOGIA: O CABO MIDI E A EDIÇÃO NÃO LINEAR DE VÍDEO	
Marcia de Oliveira Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.05921190317	
CAPÍTULO 18.....	181
COZINHAS DE ESCRAVOS: COMIDA, SABORES E TRABALHO NO BRASIL	
Lorena da Conceição Querino Muchinski	
Valter Martins	
DOI 10.22533/at.ed.05921190318	
CAPÍTULO 19.....	191
O IMIGRANTE ARABE E SUA COZINHA COMO INSTRUMENTO DE AFIRMAÇÃO E IDENTIDADE NA ATUALIDADE	
Alfredo Ricardo Abdalla	
DOI 10.22533/at.ed.05921190319	
CAPÍTULO 20.....	201
ALIMENTAÇÃO E HOSPITALIDADE NO RIO GRANDE DO SUL OITOCENTISTA A PARTIR DE NARRATIVAS DE VIAGENS	
Everton Luiz Simon	
DOI 10.22533/at.ed.05921190320	
CAPÍTULO 21.....	222
O CAFÉ RUY E O RECIFE DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX	
Eliza Brito Santos	
DOI 10.22533/at.ed.05921190321	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	235
ÍNDICE REMISSIVO.....	236

CAPÍTULO 10

HISTÓRIA DO BRASIL = DESIGUALDADES SOCIAIS ESTRUTURAL POR COR OU RAÇA

Data de aceite: 01/03/2021

Valdeir de Oliveira Prestes

Graduando do Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), membro do Grupo de Estudos Desenvolvimento Regional – GPDR e do Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígena, ambos da UFFS.

Heitor Flores Lizarelli

Graduando no Curso de Agronomia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e bolsista do CNPq

“A mão que segura o chicote, ela não é invisível”

Criolo, 2014

RESUMO: Devido à intensificação nas desigualdades raciais o presente trabalho decorre de elementos que determinam a atual conjuntura social brasileira. Focalizando nas desigualdades sociais por cor ou raça, a partir da construção de um quadro composto por temas essenciais à reprodução das condições de vida da população, como mercado de trabalho, distribuição de rendimento, condições de moradia e, educação, em regiões demográficas. Onde estão contemplados no Programa de Atividades para a Implementação da Década Internacional de

Afrodescendentes (2015-2024), aprovado pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas - ONU. A metodologia da pesquisa decorre de uma abordagem estruturalista e dialética. Buscando descrever os dados estatísticos de Informações Demográficas e Socioeconômicas da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Anual (PNADc) e Censo Demográfico 2010, ambos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Concluindo, da mesma forma, relatos esmagadores nos indicadores relativos à violência, à representação política e, gravidade no mercado de trabalho.

PALAVRAS - CHAVE: Racismo Estrutural; População Brasileira; Mercado de Trabalho.

ABSTRACT: Due to the intensification of racial inequalities, the present work arises from elements that determine the current Brazilian social situation. Focusing on social inequalities by color or race, from the construction of a framework composed of themes essential to the reproduction of conditions population, such as the labor market, income distribution, housing conditions and education, in demographic regions. Where are they included in the Program of Activities for the Implementation of the International Decade of People of African Descent (2015-2024), approved by the General Assembly of the United Nations - UN. The research methodology stems from a structuralist and dialectical approach. Seeking to describe the statistical data of Demographic and Socioeconomic Information from the National Continuous Annual Household Survey (PNADc) and 2010 Demographic Census, both from the Brazilian Institute of Geography and Statistics -

IBGE. Concluding, likewise, overwhelming reports on indicators related to violence, political representation and severity in the labor market.

KEYWORDS: Structural Racism; Brazilian population; Job market

INTRODUÇÃO

Durante situações coloniais, investidas pela abordagem europeia e seus ideais burgueses, o sujeito branco possui e possui o poder de reflexão sobre o objeto negro, o desmembrando do restante das sociedades pela classificação de raças¹ humanas, ainda, justificando-se pela sua própria “racionalidade”. Embutido neste contexto histórico, concretiza, nos diversos locais onde tornou-se dominante, as diferentes estruturas ideológicas irrigadas pela cultura exploratória e mercantilista, qual ainda hoje, apresenta-se sólida, reproduzindo, através de seu pensamento, a estrutura e dinâmica nessa formação.

A formação da história do Brasil que conhecemos atualmente, transporta-se doravante do reflexo de interesses do “Centro” europeu Ocidental, levando às sociedades subsequentes às colonizações levarem a crer que lá se encontravam as “verdades” e “razões” universais. Desta aventura comercial do branco europeu, sustentada pela insaciável sede extrativista e de dominação, encontram-se resquícios de uma estrutura mercantilista até hoje em formação.

No desenrolar deste processo, a/o negra/o, vem sendo desassistido após sua “libertação”, em 13 de maio de 1888. Nas palavras de Florestan Fernandes:

(...) a sociedade brasileira largou o negro ao seu próprio destino, deitando sobre seus ombros a responsabilidade de reeducar-se e de transformar-se para corresponder aos novos padrões e ideais de homem, criados pelo advento do trabalho livre, do regime republicano e capitalista (FERNANDES, 1964, p.20).

Neste corpo histórico social no contemporâneo “mundo moderno”, existem aparatos de legislações que buscam minimizar as desigualdades étnico-raciais, com o objetivo de garantir a promoção e direitos de ações concretas. São realizadas por Estados, Nações Unidas, organizações internacionais e nacionais e a sociedade civil. Um exemplo, é, o Programa de Atividades para a Implementação da Década Internacional de Afrodescendentes (2015-2024), aprovado pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas - ONU, intermédio da Resolução 68/237, de 23.12.2013(ONU, 2013). Com efeito, nas margens do sistema capitalista em âmbito regional e mundial, as desigualdades presentes em todo instante aparecem;

1 Para as ciências humanas as “raças” não são entendidas como determinantes biológicos do comportamento de indivíduos e coletivos. Elas são problematizadas enquanto ideologia construída a partir de diferenças fenotípicas e outros critérios morfológicos, sendo histórica e socialmente selecionadas por atores políticos para a construção de hierarquias. Aqui, tem-se que o branco se percebe como ausência de cor, povo ou comunidade, enquanto racializa apenas o não-branco (MIRANDA, 2010).

Pessoas de ascendência africana em todo o mundo, seja como descendentes das vítimas do tráfico transatlântico de escravos ou como os migrantes mais recentes constituem alguns dos grupos mais pobres e marginalizados. Estudos e descobertas de organismos internacionais e nacionais demonstram que as pessoas afrodescendentes ainda têm acesso limitado à educação de qualidade, serviços de saúde, habitação, segurança social e mercado de trabalho (ONU, 2014, p.03).

Lamentavelmente, na unicidade Brasil, o racismo e racismo discriminação, direta e indiretamente, de fato e de direito, continuam de imediato visíveis nas aparências do desenvolvimento das formações sociais, moldando-as em camadas, fragmentadas em toda a extensão do território brasileiro. Alguns temas essenciais à reprodução das condições básicas de vida, como mercado de trabalho, alimentação saudável e segura, distribuição de rendimento, condições de moradia e educação, são exonerados/as desumanamente à população negra.

Diante do contexto deste conflito de dimensões profundas, esta pesquisa, visa agudeza e penetração de vista para reavaliar a realidade em sua concretude; pois é do interesse entender a clara hipocrisia dos sujeitos dominantes, nessa estrutura que fundamenta o modo de produção intrínseco que vivemos, na hierarquia de poder, coabitando em todas as nossas relações, categorizando a raça. Assim,

Charles V. Hamilton e Kwame Ture, autores pioneiros na referenciarão do adjetivo *Institucional* para o racismo, o tratam como o emprego de ações políticas com atenção à raça para o controle e subordinação proposital de um determinado grupo racial. (ALMEIDA, 2019).

Logo, justifica-se necessária, pela ausência do debate racial como totalidade, essa insuficiência e dificuldade, tanto na pauta política quanto educacional. Aliás, às manifestações das desigualdades sociais ao longo do sistema capitalista, por cor ou raça e povos originários coexistem em atitudes opostas para o desenvolvimento de um País, no caso analisado, Brasil. Ainda, este debate torna-se essencial para formulações de políticas públicas, envolvendo “diagnóstico” e na execução de medidas para redução da desigualdade, superando-a do intrínseco.

OBJETIVO

O objetivo é apresentar fruto de pesquisa, refletindo e propondo um deslocamento da ótica da totalidade social, principalmente o racismo nas aparências e como este é em sua essência. Demonstrar, sob aspecto da estrutura que fundamenta o modo de produção, ancorado no mercado de trabalho atual que vivemos e como está em todos os níveis de relações sociais, corporativas e políticas, entre outras.

Assim, trazer elementos de questões fundamentais das indagações referidas, levanta-se contestações, tais como, qual é o reflexo histórico na sociedade brasileira do séc. XXI? O racismo, ainda é vivenciado e presenciado? Quais reflexos da modernização e

globalização nas relações de trabalho no tal considerado “mundo moderno”? Qual o atual papel de políticas governamentais perante as desigualdades sociais?

METODOLOGIA

Esta pesquisa decorre de uma abordagem dialética considerando o conjunto de processos que determinam a atual conjuntura da desigualdade social brasileira. Marconi e Lakatos (2010) consideram que a dialética interpreta o mundo como um conjunto de processos. As técnicas utilizadas para a coleta de dados foram a bibliográfica e documental. A revisão bibliográfica permitiu não só a sustentação teórica do estudo como também investigações acerca do tema. A técnica documental possibilitou o acesso a dados a respeito do tema em questão. Este trabalho busca descrever qualitativamente a história do Brasil e resultados em relação ao mercado de trabalho para a dimensão social brasileira.

Em relação ao levantamento documental e de dados estatísticos, a busca sobre a legislação foi realizada em fontes oficiais como o Programa de Atividades para a Implementação da Década Internacional de Afrodescendentes (2015-2024), aprovado pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas - ONU. Quanto aos dados estatísticos, para construção do quadro de mercado de trabalho, distribuição de rendimento, condições de moradia e educação, em regiões demográficas do Território brasileiro, foram utilizados os dados de Informações Demográficas e Socioeconômicas da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Anual (PNADc) e Censo Demográfico 2010, ambos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Cabe destacar que as informações estatísticas utilizadas compreendem o período recente, no ano de 2018 e 2019.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Brasil e as desigualdades sociais estrutural por cor ou raça

As diferenças nos rendimentos pessoais associadas na desigualdade social por raça, no Brasil, no ano de 2018, sustenta nosso objeto de análise. De maneira “global” as crucias desigualdades sociais, entre países, expões nitidamente uma hierarquia que tem no topo os brancos de gênero masculino (não negros) e decresce para brancas do gênero feminino, após, negros (e pardos) masculinos e por último, negras do gênero feminino.

O sistema capitalista, tem em sua história a colonização da Américas e o tráfico negreiro como determinantes estruturais. A partir destes fatos, entendemos como o racismo transforma e, é, transformado pelas relações sociais de produção com rebatimentos até os dias atuais. Na rodada de Ação de Durban, é citado que:

A Declaração e Programa de Ação de Durban reconheceu que as pessoas de ascendência africana foram vítimas da escravidão, do tráfico de escravos e do colonialismo, e continuam a ser vítimas de suas consequências (DURBAN, 2001).

De acordo com Mbembe, o colonialismo é entendido como um projeto de universalização com o objetivo de “inscrever os colonizados no espaço da modernidade” (2018a, p. 175). Como um dos resultados da pesquisa, percebe-se, que, conseqüentemente, há maiores níveis de vulnerabilidade econômica e social nas populações de cor ou raça preta, parda e indígena, como demonstram diferentes indicadores sociais que vêm sendo divulgados nos últimos anos (SÍNTESE..., 2018, CENSO..., 2012).

A primeira, visão dominante, considera que a desigualdade entre as regiões, e o próprio desenvolvimento desigual, é ocasionado pelo modo de produção capitalista (Estado de Bem-Estar Social) (Krajevski, p.84, 2018). Portanto, indicadores mostram que há preconceitos explícitos e implícitos. Discorrendo diante, desta divisão político-administrativa do Território brasileiro, algumas regiões concentram-se populações com perfis socioeconômicos assimétricos.

Pinçando dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (IBGE,2018), para explicitar a distribuição espacial pelo território brasileiro, na tabela 01, o Brasil tem uma população formada por 207.853.000, no ano de 2018. Vale lançar os olhos na UF de São Paulo, unidade essa que apresenta maior população do Brasil, acima de tantas Grandes Regiões, e foi onde atraiu muita mão de obra no período industrial, logo emprego e expulso do negro no passado. Nos estudos de Florestan Fernandes, no passado, São Paulo permitiu apanhar melhor as conexões existentes entre revolução burguesa, a desagregação do regime servil e “expulsão do negro” do sistema de relações de produção (FERNANDES, 1964, p.11).

Portanto em uma escala decrescente, a Região Norte, que apresenta a maior concentração da população preta, parda e indígena (80,7%) comparada à branca (19,3%), também apresenta a maior porcentagem de ocupação informal por cor (61,0% da população preta ou parda).

Na segunda posição, está a Região Nordeste, com 75,3% da concentração da população preta, parda e indígena (e 24,6% população branca), também se posiciona em segunda colocação em aspecto de ocupação informal (57,8% da população preta ou parda).

Seguimos respectivamente para os mesmos parâmetros, na Região Centro Oeste, (63,5% da população é preta, parda ou indígena e 36,5% branca) ocupando a terceira posição da concentração da população preta, parda e indígena e ao mesmo tempo, terceira maior região com ocupações informais para este grupo social (40,7%).

Em quarta posição, está a Região Sudeste, apresentando 49,3% de sua população preta, parda e indígena enquanto 50,7% sendo branca, apresenta a quarta maior porcentagem de ocupações informais da população preta e parda (39,1%).

A última posição, apresenta a Região Sul sendo o estado com menor porcentagem da população preta, parda e indígena (26,1%) quando comparada à branca (73,9%) e também, refletindo na menor quantidade de ocupações informais para pretos e pardos (34,1%).

Grandes Regiões e Unidades da Federação	Total (1000 pessoas)	Distribuição percentual por cor ou raça							
		Branca		Preta		Parda		Amarela ou indígena	
	Total	Total	CV (%)	Total	CV (%)	Total	CV (%)	Total	CV (%)
Brasil	207853	43,1	0,5	9,3	1,2	46,5	0,4	1,1	4,1
Norte	17 871	19,3	2,0	7,1	4,5	71,8	0,7	1,8	8,1
Rondônia	1 747	29,5	3,7	6,7	8,8	62,4	2,0	1,4	16,8
Acre	853	21,0	4,0	5,3	8,4	72,3	1,3	1,3	16,7
Amazonas	3 922	16,8	5,2	3,0	12,3	77,4	1,3	2,8	19,1
Roraima	513	23,7	6,2	7,7	8,3	60,9	2,4	7,7	14,4
Pará	8 472	17,8	3,6	8,2	7,4	72,7	1,2	1,3	12,7
Amapá	822	17,4	7,0	7,0	13,6	74,3	1,8	1,2	22,6
Tocantins	1 542	21,1	4,6	12,4	7,5	65,0	1,7	1,4	16,5
Nordeste	56 618	24,6	1,1	11,3	2,0	63,2	0,5	0,8	5,2
Maranhão	7 001	18,3	2,5	11,9	3,8	68,5	0,8	1,2	7,9
Piauí	3 264	19,8	4,2	9,1	6,4	70,9	1,4	0,2	27,2
Ceará	9 073	28,2	2,4	5,3	5,1	65,7	1,1	0,8	13,9
Rio Grande do N	3 479	35,9	3,3	6,0	7,2	58,0	1,8	0,2	34,4
Paraíba	3 975	32,9	2,8	5,7	7,8	61,0	1,5	0,4	18,8
Pernambuco	9 439	31,2	2,7	6,5	5,5	61,2	1,3	1,1	12,7
Alagoas	3 316	25,4	3,3	5,7	6,1	67,7	1,3	1,2	14,9
Sergipe	2 278	19,4	5,0	8,2	7,0	71,5	1,5	0,9	15,4
Bahia	14 793	18,1	3,5	22,9	3,3	58,2	1,3	0,8	12,3
Sudeste	87 691	50,7	0,9	9,9	2,0	38,3	1,1	1,1	7,9
Minas Gerais	21 030	39,7	1,8	11,8	3,5	48,2	1,3	0,3	15,1
Espírito Santo	3 969	37,1	2,8	11,0	4,2	51,1	1,9	0,8	10,6
Rio de Janeiro	17 159	45,2	1,6	13,4	2,8	40,8	1,5	0,6	10,2
São Paulo	45 533	59,1	1,3	7,6	3,8	31,6	2,2	1,7	9,6
Sul	29 710	73,9	0,6	4,8	3,7	20,6	1,8	0,7	7,6
Paraná	11 336	65,5	1,1	4,1	6,4	29,3	2,3	1,2	10,0
Santa Catarina	7 064	79,9	0,7	3,0	6,4	16,5	3,2	0,5	15,2
Rio Grande do Sul	11 311	78,6	1,0	6,5	5,5	14,5	4,0	0,4	17,0
Centro-Oeste	15 964	36,5	1,3	9,2	3,0	53,0	0,9	1,3	9,8
Mato Grosso do Sul	2 679	44,0	2,5	6,4	6,5	47,3	2,2	2,3	14,5
Mato Grosso	3 389	31,0	3,0	10,2	4,7	57,6	1,6	1,2	30,0
Goiás	6 923	35,8	2,2	9,2	5,4	54,0	1,4	1,0	14,4
Distrito Federal	2 972	37,5	3,3	10,5	6,1	50,4	2,4	1,5	24,9

Tabela 1 (UF) - Distribuição da população, por cor ou raça, com indicação do coeficiente de variação, segundo Grandes Regiões e Unidades da Federação – 2018

Fonte: Elaboração dos autores, na base de dados IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 2018, consolidado de primeiras entrevistas.

Brasil e a distribuição de renda/rendimento

Analisando o Brasil nos parâmetros de desigualdade da distribuição de renda pelo espaço do território, indicadores demonstram um perfil de distribuição de tamanha imperfeição, ficando apenas atrás do País Catar (Pnud, 2019). Isto é, Brasil no *índice de Gini* aproxima-nos à essa dimensão realista, que, as Grandes Regiões brasileiras como Regiões Sul (0,448) e Centro-Oeste (0,486) apresentaram os menores índices e, no Nordeste, ele alcançou 0,520. De 2017 para 2018, no Norte, Sudeste e Sul esse indicador subiu, enquanto no Nordeste e Centro-Oeste houve retração. De 2015 a 2018, a trajetória ascendente do indicador foi mais acentuada no Norte (de 0,490 para 0,517) e no Sudeste (de 0,483 para 0,508) (IBGE, 2019).

Essa tendência estrutural para a concentração da renda favorece o subemprego, subutilizando da população preta ou parda onde é a maioria no Brasil (55,8%) (conforme tabela 01) os indígenas. Essa população, no ano de 2018, representou apenas 27,7% das pessoas quando se consideram os 10% com os maiores rendimentos (IBGE, 2018).

O mercado de trabalho brasileiro e a população brasileira

No âmago do mercado de trabalho, durante a história do Brasil, essa população foi um sustento e substituto perante à dizimação dos povos originários, sendo o “motor” do mais valor da econômico, estando ainda este processo em continuidade. Nas palavras de Eric Williams,

[...] levanta a tese de que a substituição da mão-de-obra indígena e branca pela africana não aconteceu somente devido aos interesses do lucrativo tráfico, atividade em ascensão a partir do século XVI, mas também pelo fator da inesgotabilidade do africano como ponto importante na substituição da mão-de-obra indígena pela negra (HONOR, 2015).

Atualmente, no total da população brasileira, as pessoas de cor ou raça preta ou parda constituem, também, a maior parte da força de trabalho no País, isto é, 57,7 milhões de pessoas, ou 25,2%, a mais do que a população de cor ou raça branca na força de trabalho, que totalizava 46,1 milhões, no ano de 2018 (IBGE, 2018). Portanto, é de completa indignação a população branca ser a parcela brasileira que mais obtém lucro e mais acumula bens em todas as grandes regiões do Brasil.

Se, por um lado, surgem oportunidades bem remuneradas no trabalho flexível, no mundo considerado de “homens livres”, por outro, o setor informal também abriga empregos precários e miseráveis. A Região que assume o pódio nesse complexo, é a Região Sudeste, onde o rendimento médio real habitual do trabalho nas ocupações formais e informais, está em R\$ 3.135,00 para brancos, pretos e pardos em R\$ 1.766,00, sendo puxado principalmente pelo Município da Capital, São Paulo, logo acompanhado pelo Município de Espírito Santo, Vitória. Na Região Sul, o Município da Capital, Rio Grande do Sul, Porto Alegre, está em 3º colocado, no Brasil, em média o rendimento da população

preta e parda está negativamente em R\$2.225,00 quando comparado com a população branca (IBGE, 2018). Esses Municípios estão em destaques, derivando, acima de todas as Grandes Regiões do Território Brasileiro.

Especialmente em países periféricos, no caso brasileiro (uma unidade do conjunto), no ano de 2018, as ocupações informais no mercado de trabalho estão associadas, muitas vezes, ao trabalho precário e/ou à falta de acesso a algum tipo de proteção ou seguridade trabalhista, levando contra o direito básicos humanos, como salário mínimo e aposentadoria previstos em legislação. Estes, foram discutidos como dever do Estado, pelas Nações Unidas,

Os Estados devem tomar medidas concretas para eliminar o racismo garantindo a plena igualdade de tudo antes da lei, incluindo a legislação trabalhista, e eliminar barreiras, quando apropriado, à participação na formação profissional, negociação coletiva, emprego, contratos e atividade sindical; acesso a tribunais judiciais e administrativos que lidam com queixas; procurando emprego em diferentes partes de seu país de residência; e trabalhando em condições seguras e saudáveis (2014).

Conforme, na figura 01, apresenta-se que a mão de obra de pretas/os ou pardas/os, na Região Norte apresenta na casa de 61,0% ficando acima da média brasileira que está em 47,3%, logo seguido pela Região do Nordeste em 57,8%, regiões estas acima da média do Brasil (IBGE,2018). O Sul é a Região com menor disparidade, mas vale lembrar, que a população dessa região, preta ou parda é menor (expresso na tabela 01). Dessa forma comparando com o número de população na Força de Trabalho (FT) os números são gritantes. Portanto, um crime previsto em legislações.

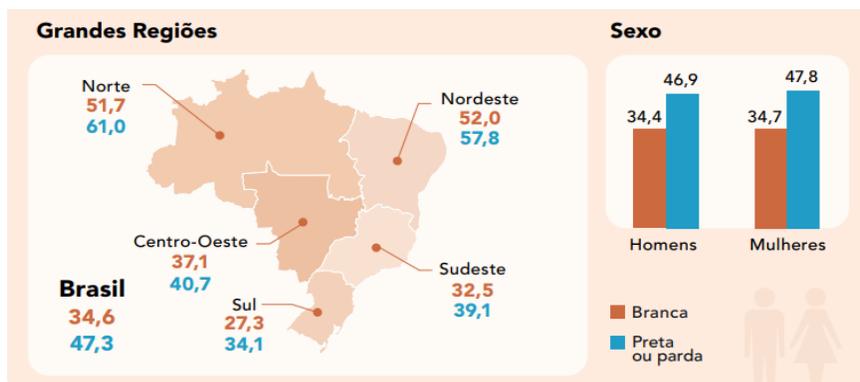


Figura 1: Pessoas em ocupações informais nas Grandes Regiões Brasileiras (%) por cor e gênero 2018.

Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, ano de 2018.

A tabela 1 e figura 1, se relacionam diretamente, no fator da concentração da população preta e parda, refletindo, nas quantidades e qualidades de ocupações informais. Sendo que, quanto maior a concentração de pretos, pardos e indígenas na região, maior é a porcentagem de ocupações informais nas determinadas regiões pelo espaço do Território brasileiro.

Estes dados/percentuais, apresenta-nos como a qualidade de empregos e formas de renda são desiguais para pretos/as, no Brasil contemporâneo. A população preta, ainda sofre resquícios da escravidão pelos europeus, quando colocamos em pauta a subordinação desta parcela da população pelos modos de produção colocados pelos mesmos brancos, objetivado em número. Ainda, demonstra-se que vivemos em um País, onde a cor da sua pele define quais serão seus direitos e qualidades de trabalho, no século (XXI) onde à modernidade reina.

O fato desta parcela da população, com histórico de exploração, com nenhum momento de privilégios, torna-se a apresentar uma batalha (diária) de amplitude abrangente para ter a possibilidade de conquistar patamares igualitários que o/a branco/a possui, na atualidade, como pauta de política pública. Enquanto são privados direitos básicos humanos como educação, o grupo social com maior posse de conhecimentos e estratégias estruturais têm o poder de controle empregatício, fatos como a taxa de analfabetismo, em 2018, ser 9,1% da população preta ou parda em comparação a 3,9% da população branca brasileira (IBGE, 2019). Demonstrando como o poder político e econômico alia-se ao fortalecimento de uma população branca continuada no privilégio.

Estes fatores, resultam nos diferentes modos de vida para diferentes camadas sociais, como é o caso das condições de moradia, que, historicamente, nunca foram facilitadas para essa população. De imediato, para o/a branco/o, principalmente as frações ricas, concedidas de terras e outros bens materiais ou não, como cargos e títulos. Estes fatos, resultam nos dados de pessoas residindo em domicílios sem acesso a serviços de saneamento básico, somando 42,8% da população preta ou parda que não possuem esgoto sanitário em comparação à 26,5% da população branca (IBGE, 2019).

A qualidade de moradia inferior da população negra, no Território brasileiro, é persistente em todos os períodos históricos brasileiros, inclusive intensificado no atual, fadado. Na “nova era” do novo método de ensino a distância, antes livro, hoje computacional, há de se ressaltar que a população negra bem como apresenta menor acesso à internet ou menor posse de aparelhos eletrônicos como computadores e celulares quando comparada à população branca brasileira (IBGE, 2019).

Uma ressalva, é no caso da violência, neste País evidencia em âmbito que, a cada 100 mil pessoas entre 15 a 29 anos a taxa de homicídio do homem negro está em número constrangedor; alcançando a casa de 185% na taxa de homicídio, no ano de 2018 (IBGE, 2018). *Brasil é o segundo país mais violento* da América do Sul, aponta ONU (2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora existam os aparatos em legislações que, no discurso vem representar a redução das desigualdades; contradições aparecem. Assim, em virtude de pensar a representatividade política, nessas esferas, os números são esmagadores, os deputados federais eleitos são 75,8% brancos e 24,24% pretos e pardos (IBGE, 2018). Isto é, a população marginalizada pela desigualdade que subutiliza a mão de obra “barata” está fadada na falta de representatividade, nas esferas de elaboração de políticas públicas, pensada pelos racionalizado do “mundo moderno”.

As desigualdades sociais por cor e raça, devem ser explicitadas para as gerações atuais e futuras, que estão moldados seus modos de atuação e de pensar, enfatizando que as diferentes formas de qualidade de vida nas necessidades básicas humanas, devem ser previstas à população sem tomar como fator prioritário a cor de sua pele. Ainda enfatizando a necessidade de seguridade nas condições do mercado de trabalho. A nível Brasil, apresenta-se brancos em 18,8%, pretos e pardos em 29,0% no fragmento dos subutilizados e no tocante dos desocupados brancos em 9,5%, pretos e pardos 14,1% vis-à-vis com o ano de 2017, se apresenta, de forma ascendente essas percentagens (IBGE, 2018).

Temos não só a necessidade, junto a obrigação de proporcionar, não direitos iguais para a população negra, pois somente este, não é capaz de elevar está fração social ao mesmo patamar do branco, como exposto. O papel político, econômico e social da população brasileira como uma totalidade, é privilegiar à população negra para que a mesma, possa ter no mínimo de *equidade* em relação direta com os conceitos de igualdade e de justiça histórica, em um contexto tão injusto. Para que talvez, possam um dia, possuir a mesma capacidade de desfrutar uma qualidade de vida parecida à da população branca que tem o papel dominante estrutural, descolonizando o colonizado, nos moldes do sistema capitalista contemporâneo.

Por fim, vale frisar, que, em contextos de pandemia Covid-19 (no caso atual), a população nas margens do sistema capitalista que é subutilizada para posterior descarte ou extermínio, como feito com os povos originários. Torna-se uma forma de superação, colocar está população como sujeitos e não como objeto.

REFERÊNCIAS

Declaração e Programa de Ação da Conferência Mundial. **Contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância**, realizada em Durban de 31 de agosto a 8 de setembro de 2001.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classe**. 1920-1995. Recuperado em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4482634/mod_resource/content/1/Florestan%20Fernandes%20-%20A%20integra%C3%A7%C3%A3o%20do%20negro%20na%20sociedade%20de%20classes%20-%20Vol%201%20-%20O%20legado%20da%20ra%C3%A7a%20branca-1.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2020.

HONOR, André Cabral. A BASE DO CONCEITO DE ESCRAVIDÃO NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA: ERIC WILLIAMS E SUA OBRA SEMINAL CAPITALISMO E ESCRAVIDÃO.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **CENSO DEMOGRÁFICO – 2010**.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2019). **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil**. Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica. n.41.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Estudos e Pesquisas Informações Demográficas e Socioeconômicas**. Recuperado de: < https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf >. 2018. Acesso em: 28 ago. 2020.

Krajewski, Luis Claudio, 1975-. **A importância da UFFS/Campus Laranjeiras do Sul (PR) e o Desenvolvimento do Território Cantuquiriguaçu**. – Blumenau, p.84, 2018. Recuperado de: < <https://rd.ufrs.edu.br/bitstream/prefix/3722/1/KRAJEVSK.pdf> >. Acesso em: 01 jul.2020.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018a. Recuperado de:< <https://periodicos.furg.br/reis/article/view/9134/6277> >. Acesso em: 29 out. 2020.

Miranda, Monique Classificação de raça, cor e etnia: conceitos, terminologia e métodos utilizados nas ciências da saúde no Brasil, no período de 2000 à 2009. / Monique Miranda. Rio de Janeiro: s.n., 2010.

Moura, Clóvis. **Economia e ideologia - A dominação burguesa, patriarcal e da branquitude na prática científica**. Coletivo Clóvis Moura Texto para discussão N° 1.

Organização das Nações Unidas – ONU. **Programa de Atividades para a Implementação da Década Internacional de Afrodescendentes (2015-2024)**. Resolução 68/237, de 23.12.2013.

Relatório de Desenvolvimento Humano (RDH) da Organização das Nações Unidas. **Organização das Nações Unidas. 2020**. Recuperado de: http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr_2019_pt.pdf.

VIDAL, Dominique. **“Urbanização, restrições espaciais e desafio democrático no Brasil”**. Espace Populações Sociédades [Online], 2014 / 2-3 | 2015, postado em 01 de dezembro de 2014. Recuperado de: <<http://journals.openedition.org/eps/5760>; DOI: <https://doi.org/10.4000/eps.5760>>. Acesso em: 04 de nov 2020.

ÍNDICE REMISSIVO

A

África 5, 8, 3, 4, 8, 9, 56, 59, 60, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 182, 186, 187, 188, 189, 193, 194, 195, 204, 227

Alimentação 9, 5, 98, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 195, 202, 204, 210, 211, 216, 217, 218, 219, 221, 225, 230

Aprendizagem 7, 10, 11, 14, 16, 17, 21, 22

Árabes 193, 194, 195, 196, 197, 199

Avaliação 12, 13, 14, 16, 18, 19, 21, 22, 48, 117, 165, 173, 177

B

BNCC 5, 7, 27, 30, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50

C

Cibercultura 9, 158, 159

Comida 9, 182, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 199, 201, 211, 212, 215, 216, 217, 225, 235

Cozinha 9, 184, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 216, 225

Criatividade 9, 19, 35, 158, 159, 160, 161, 162, 179

D

Desigualdades Sociais 8, 2, 96, 98, 99, 105

Disputa 5, 8, 43, 49, 57, 58, 76, 83, 85, 86, 117, 145

Diversidade Cultural 7, 1, 26

E

Ensino de História 5, 7, 1, 2, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 20, 21, 23, 26, 27, 30, 34, 38, 39, 43, 55, 58, 61, 62, 66, 67, 68, 70, 75, 114, 236

Epistemologia 9, 14, 164, 165, 168, 171, 180

Escravidão 7, 8, 59, 63, 65, 66, 67, 79, 80, 100, 104, 106, 137, 140, 182, 183, 191

F

Fontes 5, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 52, 57, 58, 79, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 99, 107, 110, 111, 115, 116, 122, 123, 130, 132, 134, 135, 136, 142, 146, 149, 150, 165, 215

H

História 2, 5, 6, 7, 8, 9, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 46, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 73, 74, 75, 76, 80, 82,

85, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 102, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 120, 122, 123, 125, 127, 128, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 144, 148, 149, 151, 157, 158, 163, 164, 165, 166, 169, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 180, 182, 184, 190, 192, 193, 199, 200, 201, 202, 204, 207, 208, 209, 210, 219, 220, 223, 224, 234, 235, 236

História da ciência 5, 9, 164, 165

Homogeneização 7, 56

Hospitalidade 9, 200, 202, 220, 222

I

Identidade 9, 3, 5, 6, 7, 8, 25, 27, 28, 38, 48, 55, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 76, 77, 80, 81, 86, 87, 128, 131, 133, 136, 177, 192, 198, 199, 201, 225, 234

Imprensa 5, 8, 55, 58, 109, 111, 115, 116, 119, 124, 125, 127, 128, 129, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 142, 144, 146, 148, 149, 150

L

Literatura Generativa 9, 158, 162

M

Memória 5, 6, 7, 24, 26, 51, 52, 53, 54, 55, 64, 86, 107, 110, 112, 115, 122, 123, 124, 126, 133, 171, 172, 187, 196, 197, 198, 200, 229, 234, 236

Metodologia 13, 15, 24, 52, 54, 89, 94, 96, 99, 106, 170, 199, 202, 204, 236

N

Narrativas 5, 8, 9, 20, 27, 58, 59, 60, 65, 66, 76, 77, 83, 86, 92, 93, 126, 128, 201, 202, 204, 211, 212, 216, 217

P

PIBID 5, 7, 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9

Q

Questões étnico-raciais 5, 78, 82

R

Raça 5, 8, 8, 60, 64, 66, 74, 79, 80, 81, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 105, 106

Recife 76, 84, 85, 186, 223, 227, 229, 230, 232, 233, 234, 235

Relatos 9, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 128, 142, 143, 165, 202, 204, 205, 210, 222, 223

RELATOS 8, 89, 92

Representação 7, 27, 54, 56, 57, 58, 61, 62, 63, 69, 80, 91, 94, 96, 134, 180, 215, 217, 225

S

Sabores 9, 182, 193, 194, 196, 197, 199, 200, 201, 215

Século XIX 9, 87, 223

Sigilo 8, 150, 153, 156

T

Técnicas 9, 37, 45, 61, 79, 99, 160, 161, 171, 176, 177, 179, 180, 195, 196, 197

Tecnologia 5, 9, 51, 70, 153, 156, 158, 159, 167, 171, 172, 173, 174, 176, 177

Trabalho 9, 3, 5, 8, 11, 13, 16, 17, 18, 19, 23, 24, 28, 29, 30, 32, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 52, 56, 57, 58, 59, 61, 63, 64, 74, 76, 77, 78, 83, 95, 96, 97, 98, 99, 102, 103, 104, 105, 109, 111, 116, 125, 126, 132, 135, 136, 138, 139, 140, 142, 148, 154, 164, 165, 167, 168, 171, 172, 174, 176, 177, 180, 182, 183, 184, 187, 189, 190, 191, 193, 195, 199, 207, 224

W

Wakanda 8, 68, 69, 75

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 3

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 3